

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *As Províncias do Brasil*

Class.: 48

Data: 15 de abril de 1980

Pg.: _____

Darcy: o problema do índio é você

1980 Para preferir palestra no próximo dia 17, dentro do ciclo de debates promovido e organizado por 11 entidades, com o objetivo de apreciar, discutir e propor soluções para os problemas indígenas locais, encontra-se em Belém, desde o domingo passado, o antropólogo Darcy Ribeiro. Já tendo exercido diversas funções no serviço público, como a de Ministro da Educação e Cultura, durante o governo do João Goulart, além de participar na qualidade de ajudante, da formulação do projeto de colonização da antiga Spvea (hoje Sudam), Darcy Ribeiro possui atualmente toda uma gama de conhecimentos próprios para falar do índio, do seu problema "que é mais do branco" e para uma apreciação dos fatores que contribuem para o extermínio da população indígena entre nós.

Esses conhecimentos, como ele mesmo faz questão de frisar, foram obtidos através de muitas viagens realizadas até a Amazônia e para outras áreas indígenas do Brasil. Com relação à Amazônia, Darcy a visita desde os meados de 1947, quando iniciou pesquisa sobre os índios Urubus, localizados na fronteira do Pará com o Estado do Maranhão.

Como isto não bastasse, Darcy Ribeiro foi também quem criou o Museu do Índio, em Brasília, uma espécie de marco na história indigenista brasileira.

Bastante comunicativo, como sempre foi, e mais entrosado no problema indígena, ao ponto de defender o direito compensatório para este, Darcy, numa conversa informal entre pesquisadores e a imprensa, fala sobre a situação atual, o que, aliás, deverá ser o tema de sua palestra no dia 17, uma vez que será de improviso.

Pergunta — Como você vê a realização de um ciclo de debates, a nível de entidades locais, para se discutir o problema indígena na Amazônia?

Resposta — Eu vejo isto como uma rotina. Nesse País sempre se comemorou o Dia do Índio, nesse País sempre se discutiu o problema indígena, é claro que por muito tempo a ditadura esteve meio feroz e não dava para se tratar de um problema social, nem mesmo o problema do índio se podia tratar muito bem. Mas agora, quando a liberdade quando nós temos uma abertura promissora e importante, com ela a liberdade de imprensa, esses temas importantes para o País voltaram a se discutir. Todos os professores da Universidade querem discutir isto, todos discentes querem discutir isto. O Pará quer voltar a encontrar a sua própria identidade. O Pará não é da África e nem, tampouco da América do Norte. O Pará é índio. Tem suas raízes assentadas numa indianidade que foi quem ensinou os nomes das plantas que têm aqui, ensinou a fazer tacaca no tucupi, ensinou a preparar comida boa que tem no Pará. Tudo que tem de bom aqui, desde pato no tucupi, tacacá e o resto de bom é de índio. Então o destino dos índios que sobram e que foram caçados e mortos é uma coisa importante no Pará. Então eu acho que é uma rotina boa, uma rotina da democracia, da liberdade, em que os temas importantes humanos podem ser discutidos e voltam a serem discutidos. Então, pra mim, isso é uma volta à normalidade.

Pergunta — E a nível da população?

Resposta — A população sempre se interessou pelo índio. E claro que a população tem muitos níveis. Há gente que estava condenada a trabalhar como seringueiro e vá se processar como um seringueiro ele podia ver o índio como um inimigo, mas ele também tem respeito pelo índio. Mas a gente de Belém do Pará, sobretudo nas últimas décadas e século tem uma atitude positiva para com os índios, tem uma atitude aberta e gostaria de discutir. Agora a Universidade não discutia isto, por quê? O normal não era discutir? Então isso não é normal. Então você discutia qualquer bobagem e não discutia índio, que era discutir a sua própria raiz. Eu, por exemplo, tenho uma cara bastante viável para ser branco. Não tenho? Pareço branco por quanto você. Na Europa ninguém tem dúvida que não seja branco. Me perguntaram se eu era árabe, por que essa cara não dá em branco. É uma cara indígena. A maior parte dos paraenses têm cara de índio e não sabe. Quando um povo assume a sua própria cara, por exemplo um baiano, o chamado branco da Bahia, o mulato, que não se assume como mulato, não tem coragem de ser mulato então é chamado branco, porque na Bahia doutor não é preto. Então o sujeito que tem um dinheirinho, que tem um volkswagen, não é preto, mas passa a ser branco. Isto é uma trizeta. Então neste momento os pretos da Bahia estão assumindo que são pretos, os mulatos que são mulatos, o índio. O caboclo da Amazônia, daqui do Pará, deve assumir a sua própria imagem, a sua própria cara, com orgulho dela, sentindo a beleza que há nela, é uma liberação. O que era alienante era considerar que Cristo tinha uma cara de judeu ou alemão. É possível. Devia ter cara de índio, cara de preto, cara de sofredor.

Pergunta — Então por que o povo ainda não assumiu a sua identidade?

Resposta — Por inércia. Mas se você começasse a conversar as pessoas dirão, se você vai na raiz, e se você conversa com as pessoas, não quem está fazendo opinião, mas se você for entrar na família, você vai ver aquela tradição enorme da luta dos cabanos, por exemplo, milhares de famílias, de gente que era essencialmente indígena teve um conflito enorme com os portugueses e foi uma luta, um genocídio em que se supõem que, na Amazônia, centenas de pessoas tenham sido mortas. Se você pega no fundo, no Pará tem gente se lembrando disso. Se você chega em Bragança, Carutapera, lá do lado do Maranhão, se você sobe o Gurupi, a cidade do Gurupi, em cada lugar Jessés, você encontra gente que está lá, que está fugindo da luta dos cabanos. Por outro lado, toda fundação da civilização aqui portuguesa se deu na base de carne e

vida sobre a raça indígena, sobre gente indígena. Isto está intrinsicamente na população. A população pode achar que não é índio no sentido que não é índio não está no índio específico, com seus atributos culturais, vestidos na sua nudez, com arco e flecha. Ele não é aquele índio. Mas que a raiz dele seja esta, é esta, muito mais que a portuguesa.

Pergunta — Quais as causas dos problemas indígenas na Amazônia? A quem eles estariam relacionados?

Resposta — O problema indígena é um problema muito sério. O problema do índio é você, é o branco, e não o índio. Porque o índio em si, ele pode estar lá e estar tudo bem. Nós que chegamos e criamos caso com ele. Quer dizer que nós é que vamos invadir a terra dele. Nós é que vamos lá violentar a liberdade dele. Nós que vamos lá tomar a mulher ou a criança a título de criar. Nós é que vamos lá como missionários, agora a Igreja Católica não faz, mas o protestante faz ainda, vai com toda a intolerância para perseguir os que chamam feiticeiros deles que são os sacerdotes deles. Nós é que vamos atrapalhar. E o mais grave, somos nós que vamos tomar as terras deles que são uma condição de sobrevivência. Você veja, isto é verdade para o Pará, muito mais verdade para o Pará. Mas você veja um dos últimos escândalos que ocorreu no Brasil. A última mata que existe no sul, a mata da Araucária (araucária é um pinheiro muito bonito, cobrindo o sul do Brasil desde São Paulo e Paraná até o Rio Grande do Sul, todas as terras altas eram cobertas de araucária). Há um último lugar que tinha uma grande reserva de araucária, em último lugar no mundo daquela floresta que era um lugar em que viviam os índios: kaigangü, que cuavam daquela floresta. Pois bem, fizeram uma chicana pela qual o governador passou aquelas terras de araucária; para um sujeito que queria aquelas terras para derrubar a última reserva de araucária, para acabar com ela, para serrar. E começou um conflito com os índios, e os índios tinham um líder muito bom, um cacique indígena que era muito combativo. Pois bem. Assassinaram esse cacique. O País todo ficou comovido com isto. Então há uma pressão muito grande em torno da Funai no sentido de que atue, faça alguma coisa além de pagar altos salários em Brasília, que faça alguma coisa pelos índios. Então é uma pressão muito grande no sentido de chamar a justiça essa gente. Agora você calcula isto está ocorrendo no Paraná, você calcula a quantidade de casos que ocorrem no Pará. Eu sei por exemplo de um. Os índios Urubus são uma tribo do Pará que foi pacificada em 1938, passou a ter relações pacíficas de fato em 1945. Até então ela ocupava quase todo o rio Gurupi e era uma das zonas deflagrada, difícil. Pois bem. Esses índios aceitaram a paz em 38-45. Mais tarde, em 50 e tanto, o diretor do Serviço de Proteção daqui conseguiu uma reserva, digamos de não sei quanto alguma coisa com 50 mil hectares que o governo do Pará deu no lado do rio Gurupi. No lado do Pará foi dada esta reserva. Pois bem, um diretor da Funai declarou que esta reserva estava livre, que não tinha dono, que os índios não estavam lá, então imediatamente esta reserva a Armo. A Armo, esta empresa inglesa, ganhou uma área de 50 mil hectares de terras que nunca se deu a paraense nenhum. Foi dada a uma empresa inglesa. É claro que atrás disso há uma corrupção enorme, há espoliação de uma tribo indígena que neste momento está no lado do Maranhão, mas a qualquer momento ela volta para o Pará. E se não era dos índios que deem a caboclos do Pará. Dar para uma empresa inglesa ou norte-americana, Armo, para derrubar floresta e plantar capim é uma violência. Isso aconteceu há pouco tempo. Essas coisas podiam acontecer e a imprensa não publicava porque o Brasil estava proibido de se manifestar. Nesse momento em que o Brasil começa a se libertar, com a liberdade de imprensa a se manifestar, essas coisas vão sair. E as pessoas que fizeram isso vão ser chamadas. E essa Armo deve ser chamada também. Qualquer dia vão chamar. Senhores como é que é? De quem é essa terra? Vocês usurparam aí.

Pergunta — Então o problema é do branco?

Resposta — Nós é que criamos problemas para eles. Enquanto ele está em si, ele estava muito bem. Enquanto ele viva para si, lá isolado, nós é que chegamos criando problemas. Primeiro, você calcula, vem uma das coisas graves chamado problema indígena. As populações indígenas não conheciam as doenças que tinham no Velho Mundo. O Velho Mundo — Europa, Ásia e África — tinha comunicação sempre, então doenças como bexiga, varíola, gonorréia, sífilis, tuberculose, papeira, todas essas doenças existiam naquela população do Velho Mundo que estava peneirada e sobreviveu como pôde sobreviver daquela peste. Quem não podia sobreviver daquela peste desapareceu. Pois bem. As populações americanas não conheciam essas pestes. Então quando teve o primeiro contato, quando o índio teve o primeiro contato com o branco, morreu a metade com sarampo, a metade que sobrou morreu de bexiga, a metade que sobrou teve morte de gripe, a outra morreu de tuberculose. Então para os índios o encontro com a civilização já é uma coisa tremenda num nível biológico, porque eles têm que se acostumar com peste que não conheciam. Por exemplo índio não tinha cárie dentária. Você já imaginou? Eu vi quantidade de índios que não tinham contato com civilização possuindo os dentes todos limpos. Quando os Xavantes foram pacificados, o modo de assar deles é usando muita cinza e areia, então o dente de Xavante tem uma coisa curiosa, que ele está muito lixado, então tinha gente que tinha a metade do dente, mas um dente gasto até a metade sem cárie. É uma coisa incrível. Eles não conheciam cárie dentária. Eu vi índio aqui no Pará que recebeu um lance caçando. Uma flexa de ponta de metal cortou todo o músculo peitoral e abriu. Entre nós teria virado uma ferida tremenda. Pois bem. Eu vi aquela perleita em dias fechar sem dar pus. Não tinha o fator patológico da infecção. Pois bem. Quando eles entram em contato conosco ocorre isto. Agora você calcula se além da enfermidade que nós levamos para apodrecer o corpo dele, os dentes dele, os que sobrevivem ficam uns mulambos humanos. Se além disso, você tem escravização, isto de pegar o índio e escravizar como escravo, que é o atual na Amazônia, ou o próprio governo mandar, como em São Luís e Belém do Pará. Quando foi feita a Catedral, o governo português deu licença em São Luís para descer 200 índios e vendê-los como se fossem do governo. Descer e vender, com o dinheiro fazer a Catedral de São Luís e a de Belém, também. Mandavam caçar os índios lá em cima, estavam longe, descer e vender em praça pública para com o dinheiro construir. As obras de Belém também foram feitas



Darcy Ribeiro em Belém

com o índio que as missões jesuítas (depois saíram os jesuítas, foram expulsos), os outros missionários tinham que mandar para fazer toda a obra pública. Então, depois da enfermidade, você tem a escravização. Depois você tem a desapropriação. Tiram as terras. Depois roubar crianças. Em Belém do Pará era um costume as famílias ricas criarem um meninozinho índio, achavam bonito o olho dele, então criavam como criado dentro de casa. Então, índio sofreu espoliações tremendas. Então para isso o problema somos nós. Eles agora são tão poucos, precisamos de tão pouca terra. Eles não ocupam no Pará nenhuma décima milionésima parte do território. E o que eles precisam é isso tinha que ser respeitado para eles. Respeitar a terra. Respeitar o direito de seguir a sua cultura. Respeitar o costume deles. Eles querem que nós não criemos caso, que nós não criemos problemas, porque os problemas somos nós.

Pergunta — Como vê a atuação da Funai junto às aldeias indígenas?

Resposta — Seria pior se não houvesse a Funai. Mas a Funai estou perguntando, por muito tempo, se é verdade que ela gasta mais dinheiro em salário em Brasília do que com índios. Eu acho que gasta. Quando um órgão de proteção aos índios gasta mais dinheiro pagando salários em Brasília, que tem assessores ultrapagos em Brasília, alguma coisa está errada. Um diretor aí me pareceu muito preocupado, hoje sinto que a preocupação é muito pequena. Eu não vi, por exemplo, da Funai ficar muito comovida com o que aconteceu com aquele índio do Paraná. Deveria ter ficado. Nós últimos tempos três índios foram assassinados. A Funai frequentemente tem a infelicidade de cair nas mãos de burocratas que tratam o problema indígena, que é um problema humano, de gente viva, como se fosse burocrata. E para um burocrata se um pedido, mais justo do mundo veio sem selo, veio sem data, ele com toda a frieza, ele manda de volta porque ele não tem a ver nada com o problema. Aquela mulher pode estar com câncer, mas se não tem selo, não tem nada com isso. Não tinha data no requerimento, não pode entrar no hospital. Então burocrata é um responsável por natureza, por natureza. Então quando um órgão de proteção passa a ser um órgão burocrata, como acontece com a Funai, isto é muito grave, e sobretudo me preocupa muito o seguinte. A Funai esteve trabalhando com os melhores antropólogos brasileiros. Por exemplo, os melhores antropólogos, talvez o melhor, o Eduardo Galvão e o segundo fui eu (risos). Nós dois trabalhamos na Funai. Foi eu quem organizou o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, trabalhei durante anos dirigindo a divisão de Estados do Museu do Índio. Pois bem. Qual é o antropólogo que há na Funai hoje? E muito pouco. Uma Funai sem antropólogo é como um hospital sem médico. Mas se você coloca um burocrata, não dá. Devia ter muitos antropólogos na Funai.

Pergunta — E com relação às missões religiosas?

Resposta — As missões religiosas tiveram durante séculos uma atitude terrível. Foram uma das principais forças destrutivas porque era uma espécie de traição. Se aproximava do índio por problema espiritual-religioso do índio. Lá para minar as comunidades indígenas. E nesse sentido, a Igreja Católica tem uma culpa enorme que ela hoje assume. A Igreja Católica, depois de João XXIII, assumiu e quando se foi comemorar os quatro mártires — quatro padres que, quando começou a catequese entre a Argentina e o Paraguai foram mortos, e a tendência do passado seria fazer deles, agora, grandes heróis porque foram mortos. A Igreja reverteu isso. Em lugar de tratar os padres como vítimas, fez uma série de comemorações, tratando como vítimas dos índios. Aqueles padres foram com violência para tentar tirá-los de suas tribalidade e de seus costumes. Então, na Igreja Católica há uma mudança profunda de atitudes. A Igreja já não registra terra dos índios em nome dela como fez no passado, já não tem uma atitude de intolerância em perseguir o feiticeiro, já não trata os costumes dos índios como heresias. Ao contrário, os missionários católicos têm uma atitude muito receptiva e isso é muito importante porque tem centenas de lugares em que padres têm contato com os índios. Pois bem. O mesmo não pode ser dos protestantes. O protestante, como puxa-saco do governo, mais medroso dos patrões, e em geral com um nível cultural mais baixo, não tem a preocupação pela terra indígena que os católicos começavam a ter. Ação fundamental

com as tribos indígenas e reservar as terras para eles, garantir que não sejam invadidas. O protestante nem sente isso. Ele ainda se concebe como se concebia há 50 anos atrás. Como agente de europeização, como se a tarefa fosse acabar com os índios. Então, o protestante ainda exerce um papel muito negativo. Mas o importante assinalar é o seguinte: em geral o melhor é ter a Funai num, missão num, rumo do que não ter nenhum. Porque se você tira a Funai, a melhor forma de assistência, se você tira o missionário, o índio fica entregue ao seu explorador imediato, alguém que vai ser muito mais violento com ele. Então é preciso criticar o missionário, sabendo respeitá-lo também porque faz um sacrifício enorme de ir com a mulher, com o filho, se é protestante, ou sozinho, se é um padre católico, viver por lá é uma vida muito dura, por uma razão ideológica. Nós não estamos dispostos a tomar lugar deles e a presença deles é importante. Então, nos temos de criticar para obrigá-los a ter uma atuação melhor como a Igreja Católica passou a ter, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo o papel positivo que ele representa. Ou seja, o mundo não é só de branco e preto, tem também cinzento.

Pergunta — Como você vê o vestibular para os índios criado pelo projeto de capacitação de Recursos Humanos para ensino de 1º Grau, resultante de um programa de iniciativa do 1º Comar, apoiado pela UFFa, Sudam e Governo do Amazonas?

Resposta — Eu conheci dezenas de índios norte-americanos que são advogados, médicos, engenheiros, que são todos dos Estados Unidos, e conheci, no Peru, um colega meu, doutorando de Antropologia e é índio. Índio tem o direito de acesso a tudo. O que é preciso entender de uma vez por todas é o seguinte: o índio não é aquele que está na lá no Mato, e o trânsito não é do índio ao brasileiro. Vai haver mais índios no futuro. Outra coisa pra entender bem: o Brasil tem 200 mil índios talvez. Estados Unidos têm mais de um milhão. Então não preciso ter vergonha em ter índio. Os Estados Unidos têm de fato quase dois milhões de índios, têm quase um milhão e 700 vivendo em reservas indígenas, vivendo em lugares só de índio. Agora veja, os índios daqui vão aumentar, só o que acontece é o seguinte: não há um passo de índio a brasileiro, índios não vão virar brasileiros comuns. Há um passo de índio específico, com seus costumes, é um índio genérico. Há um índio que é cada vez mais parecido com o caboclo, mas que se se identifica com o índio, tal como judeu se identifica como o judeu, como cigano se identifica como cigano. Um judeu, por ser judeu, você não acha que seja ignorante, um analfabeto. Ele é um judeu. É uma identificação. Os índios são assim também. É natural que o negro e o branco europeu tenham se desgarrado, tenham perdido seu ser, porque são povos viáveis. Negro foi caçado lá e jogado aqui, a comunidade dele ficou lá, em que ele pertencia. O mesmo o europeu. Este Geisel, por exemplo, sai da Alemanha, estava com muita fome, miserável, sai de lá um século atrás, o pai dele veio pra cá com muita fome, foi ser pastor protestante aí no sul, ele nasceu aqui. Então ele está desgarrado, a comunidade dele estava lá, se tivesse lá seria um alemão bom ou mal. Então aqui, agora o índio nunca perdeu a sua comunidade. Por séculos ela está aí. Então a tendência dele é manter a sua identidade enquanto índio e evoluir. A lei brasileira, uma das coisas sagaz da lei brasileira é que ela declara que o índio tem direitos compensatórios, ou seja, nunca você não pode usar o direito contra o índio para tirar sua liberdade, mas você não pode obrigá-lo a nada. O índio alfabetizado, tanto quanto você, pode ser eleitor, mas não está obrigado. Se não quiser, ele não está obrigado. O índio que é de maior de idade, que quer fazer serviço militar, pode fazer, mas não pode ser preso pelos órgãos de serviço militar. Então, o índio tem o direito compensatório que ele necessita porque ele tem uma condição particular também. Então há índio no Brasil advogado, em Mato Grosso há índio vereador, aquele índio que foi assassinado era vereador, e há também toda uma população brasileira que se identifica com índio do ponto de vista moral por várias razões. Primeiro, porque são brasileiros. Quando anda pelo mundo ninguém tem dúvida de tratá-lo de índio porque a cara é de índio. Então, por que ele não assume que é índio? Então o principal cientista brasileiro do Pará, o cientista mais eminente do Pará já criou, chama-se Carlos Dias e é índio, é índio Tupinambá. Há bobagens astronômicas neste País e você não pode fazer coleção de bobagens por que não há lugar para se guardar. Há besteira demais neste País. Mais, qualquer coisa em garantir ao índio uma compensação para ajudar índio ou negro a melhorar é importante. Por exemplo, nos Estados Unidos agora há um imenso programa de compensação dos negros. Eles foram tão escravos, tão perseguidos, que quando tem uma vaga e dois candidatos entre um branco e um preto, entra um preto nos Estados Unidos. Ou seja, isto é direito compensatório, o branco assumiu o preto tão pra trás que tudo que é público o preto tem agora vantagem para compensar. Coisas dessas têm que se começar a fazer com o índio, também. Mas fazer a sério e não fazer demagogia.

Pergunta — Quais as alternativas para uma política de superação ou minimização dos problemas que atualmente envolvem as sociedades tribais?

Resposta — Os brancos é que têm de tomar cuidado, caráter e vergonha. A Funai, por exemplo, que é o órgão central, e tem que dar mais atenção. Você tem muita responsabilidade com isto. Antigamente não havia liberdade de imprensa, hoje há. A liberdade de imprensa tem que ser usada para denunciar cada violência contra o índio. Aqui no Pará, pouco tempo atrás denunciei um caso importante que a imprensa deu alguma repercussão. Uma tribo dos Arara, que durante quatro anos estava sendo perseguida pela Funai para obrigar a pacificar, e os índios não tinham voz, não tinham nada, vinham correndo, fugindo, porque Geisel tinha dado a terras desses indígenas a uma cooperativa do sul, e essa cooperativa, para provar que não tinha índio lá, eram poucos, tinha que pacificar, tirar de lá. Isso era uma sacanagem que estava ocorrendo no Estado do Pará e esses índios furaram a barriga do melhor amigo paraense, João Carvalho, que trabalha com índios e é o único paraense que sabe as línguas indígenas. Um dos intelectuais mais importantes do Pará é João Carvalho, é um homem que fala os quatro dialetos tupi do Pará e fala muito bem. Pois bem. João Carvalho estava lá trabalhando com os Araras e teve a barriga furada por um arara, mas ele reconheceu que ele estava violento e ele disse parem com esse negócio, eles tem toda a razão de furar a barriga nossa com flexa, porque índio não pode ter nem roça mais. Então essas coisas têm que ser denunciadas.

Pergunta — Quais as alternativas para uma política de superação ou minimização dos problemas que atualmente envolvem as sociedades tribais?

Resposta — Os brancos é que têm de tomar cuidado, caráter e vergonha. A Funai, por exemplo, que é o órgão central, e tem que dar mais atenção. Você tem muita responsabilidade com isto. Antigamente não havia liberdade de imprensa, hoje há. A liberdade de imprensa tem que ser usada para denunciar cada violência contra o índio. Aqui no Pará, pouco tempo atrás denunciei um caso importante que a imprensa deu alguma repercussão. Uma tribo dos Arara, que durante quatro anos estava sendo perseguida pela Funai para obrigar a pacificar, e os índios não tinham voz, não tinham nada, vinham correndo, fugindo, porque Geisel tinha dado a terras desses indígenas a uma cooperativa do sul, e essa cooperativa, para provar que não tinha índio lá, eram poucos, tinha que pacificar, tirar de lá. Isso era uma sacanagem que estava ocorrendo no Estado do Pará e esses índios furaram a barriga do melhor amigo paraense, João Carvalho, que trabalha com índios e é o único paraense que sabe as línguas indígenas. Um dos intelectuais mais importantes do Pará é João Carvalho, é um homem que fala os quatro dialetos tupi do Pará e fala muito bem. Pois bem. João Carvalho estava lá trabalhando com os Araras e teve a barriga furada por um arara, mas ele reconheceu que ele estava violento e ele disse parem com esse negócio, eles tem toda a razão de furar a barriga nossa com flexa, porque índio não pode ter nem roça mais. Então essas coisas têm que ser denunciadas.